

Samora Machel:

A educação do povo feita pelos prisioneiros

«OS PRISIONEIROS para nós são preciosos porque nos educam, e, ao mesmo tempo, aprendemos com eles que as pessoas se corrompem e como se corrompem e como se transformam em agentes do imperialismo.

A guerra que fizemos em Moçambique foi contra o colonialismo português, todavia, muitos pensavam que os portugueses eram maus, colonialistas, massacravam as populações, concentravam-se nas aldeias ditas estratégicas, exploravam cruelmente os Moçambicanos, por serem de raça branca. Portanto, o aparecimento de Urias Simango e Lázaro Kavandame é uma escola para nós que nos ensina que a exploração não tem cor, não tem raça, que o inimigo não tem pátria, não tem povo e mais: não tem piedade.

Urias Simango é um ambicioso político e Lázaro Kavandame um ambicioso económico. Como as duas coisas são inseparáveis, eles aliaram-se imediatamente. Tendo o Simango o poder nas mãos, o Lázaro havia de explorar o povo. Este necessitava do poder polí-

tico para melhor explorar o povo moçambicano. Por isso, depois do golpe de estado em Portugal eles não duvidaram em juntar-se ao inimigo para massacrar o povo; depois dos acordos e do cessar-fogo, aliam-se ao inimigo para que a guerra e o massacre se prolongasse, a fim de lhes permitir ganhar dinheiro e viver confortavelmente.

Foi dentro desta perspectiva que não duvidaram juntar-se a Spínola, fascista, agressor da Guiné-Conacry, assassino de Amílcar Cabral. Por isso dizemos: é uma educação grande para nós, para aqueles que duvidam da nossa definição do inimigo, em suma, é uma escola.

Professores de escola negativa, eles servirão para ajudar as novas gerações, que não saberão o que é o colonialismo, a compreender a definição do inimigo».

(Dos Apontamentos de Aquino de Bragança)